

FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO

**EM BUSCA DE UMA MISSIOLOGIA DO SUL: POR UMA TEOLOGIA  
INCULTURADA**

Abimael Vellozo Cesar

São Paulo

2022

Abimael Vellozo Cesar

**EM BUSCA DE UMA MISSIOLOGIA DO SUL: POR UMA TEOLOGIA  
INCULTURADA**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito final do curso  
de Bacharel em Teologia, da Faculdade  
Teológica Batista de São Paulo

Orientadora: Dra. Analzira Nascimento

São Paulo

2022

FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO

Abimael Vellozo Cesar

**EM BUSCA DE UMA MISSIOLOGIA DO SUL: POR UMA TEOLOGIA  
INCULTURADA**

BANCA EXAMINADORA

---

Profa. Dra. Analzira Nascimento – Orientadora

---

Prof. Dr. Emmanuel Roberto Leal de Athayde – Leitor

---

Prof. Me. William Tenório Quintela – Assistente de Coordenador

São Paulo

2022

## DEDICATÓRIA

A minha esposa Kellen e a minha filha Luiza, que sempre me incentivaram e apoiaram durante toda essa jornada de formação teológica.

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar a Deus, pois todas as provisões necessárias para que eu chegasse até aqui vieram dEle.

À minha esposa e filha, que me incentivaram nos momentos difíceis e compreenderam minha ausência e, por vezes, falta de paciência, enquanto eu me dedicava à realização deste trabalho.

Ao meu amigo e pastor, André Anéas, por todo incentivo e apoio, além da ajuda e disponibilidade durante a elaboração deste trabalho.

A minha orientadora, Dra. Analzira Nascimento, pela paciência, correções e conselhos que me possibilitaram chegar até a conclusão deste trabalho.

## RESUMO

Um entendimento bíblico sobre a Missão de Deus e como seu povo é chamado e enviado para cooperar com Ele, implica em perceber o significado que essa missão apresenta em uma multiplicidade de tarefas para sinalizar o Reino de Deus e deve ser compreensível e relevante a seu tempo e localização. Assim, é necessário um entendimento da realidade contextual do Brasil, frente a sua história que passa pela colonização e imperialismo e se prolonga enquanto dependência financeira e tecnológica, o que mantém a violência, desprezo e “ninguendade” em que se encontra essa gente e impõe a missiologia o desafio de se contextualizar de modo a cooperar para que a justiça cognitiva se converta também em justiça social explicitando os problemas da atualidade e oferecendo respostas as questões que se apresentam. – Para isso, os estudos de Boaventura de Souza Santos e suas formulações a respeito das epistemologias do Sul, podem indicar um caminho pelo qual seja possível romper com o *establishment* e se lançar em busca de uma teologia inculturada que dialogue com as realidades para as quais se apresenta contribuindo com a expansão do Reino e com o fim da linha abissal que existe entre aqueles que estão na igreja e aqueles que estão fora dela.

**Palavras-chaves:** missão; missiologia; contextualização; cultura; paradigma; teologia inculturada

## ABSTRACT

A biblical understanding of the God's Mission and how His people are called and sent to cooperate with Him, implies realizing the meaning that this mission presents in a multiplicity of tasks to signal the Kingdom of God and must be understandable and relevant in its time and location. – Thus, it is necessary to understand the contextual reality of Brazil, given its history that goes through colonization and imperialism and continues as a financial and technological dependence, which maintains the violence, contempt and “ninguendade” in which these people live and missiology imposes the challenge of contextualize in order to cooperate so that cognitive justice also becomes social justice, explaining the problems of the present time and offering answers to the questions that arise. – For this, the studies of Boaventura de Souza Santos and his formulations regarding the epistemologies of the South, can indicate a path through which it is possible to break with the establishment and launch in search of an inculturated theology that dialogues with the realities for which presents itself as contributing to the expansion of the Kingdom and to the end of the abyssal line that exists between those who are in the church and those who are outside it.

**Palavras-chaves:** mission; missiology; contextualization; culture; paradigm; inculturated theology

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2. COMPREENDENDO MISSÃO: UNIVERSALIDADE, PROPÓSITO E TEOLOGIA.....</b>	<b>11</b>
2.1. UNIVERSALIDADE DA MISSÃO .....	11
2.2. SUJEITO E PROPÓSITO DA MISSÃO .....	14
2.3. TEOLOGIA DA MISSÃO OU TEOLOGIA MISSIONAL? .....	17
<b>3. MISSÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO .....</b>	<b>20</b>
3.1. A TEOLOGIA E OS CONTEXTOS.....	20
3.2. O BRASIL E SEU CONTEXTO.....	25
<b>4. EM BUSCA DE UMA MISSIONOLOGIA DO SUL: POR UMA TEOLOGIA INCULTURADA .....</b>	<b>28</b>
4.1. MISSÃO E CULTURA .....	30
4.2. COMPREENDENDO AS EPISTEMOLOGIAS DO SUL.....	32
4.3. EM BUSCA DE UMA MISSIONOLOGIA DO SUL .....	34
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>36</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS .....</b>	<b>39</b>



## 1. INTRODUÇÃO

A compreensão bíblica sobre a *Missio Dei* tem sofrido duros golpes na história, sendo reduzida e fragmentada, invertendo-se por vezes quem é o Senhor da Missão, sendo submetida a entendimentos equivocados que a reduzem e fragmentam, por vezes restringindo-a a partes isoladas do todo apresentado pelo texto das Escrituras Sagradas ou priorizando determinados aspectos em detrimento de outros.

O Rev. Leontino Farias dos Santos destaca em seu artigo publicado no site da FATIPI - Faculdade de Teologia de São Paulo que a missão era entendida a partir de alguns equívocos, ora como algo restrito à eclesiologia e tarefa de expansionismo da Igreja, ora vista sob a perspectiva da soteriologia, inclinada a ideia de salvar pessoas da condenação eterna, além da compreensão em termos culturais, nesse sentido, a missão se propunha a “oferecer privilégios e bênçãos do Ocidente cristão aos não cristãos espalhados pelo mundo” (SANTOS, 2020).

Fato é que Deus tem seu povo (no AT a nação de Israel e a partir da Nova Aliança a Igreja) para sua Missão, que, segundo aponta Christopher J.H. Wright, é “fazer convergir em Cristo todas as coisas” (Ef.1:10), o que implica em uma Teologia Missional que não se apoie apenas em trechos isolados das Escrituras com principal ênfase no Novo Testamento, se utilizando apenas de alguns trechos do Antigo Testamento como os que tratam do chamado de Moisés, Isaías e Jeremias e a relutância de Jonas em cumprir e posteriormente celebrar o sucesso de seu próprio chamado, mas

“...precisamos pensar cuidadosamente sobre o que a Bíblia inteira tem a dizer sobre quem é exatamente o povo de Deus e em que sentido ele é (e sempre tem sido) um povo com uma missão”. (WRIGHT, 2012, p.33).

A partir dessa percepção, esse trabalho visa, não com a pretensão de exaurir, mas propor, uma Teologia Bíblica Missional que se fundamente na totalidade das Escrituras e se aplique a realidade brasileira de um povo que se constitui em meio a violência e desprezo e carrega diferenças abismais, principalmente sociais e políticas, além das raciais, culturais e ideológicas, onde indivíduos são isolados, famílias são divididas e até mesmo igrejas são fragmentadas, o que é totalmente contrário a mensagem do Evangelho e ao Reino de amor, justiça e paz que a Igreja deve sinalizar.

Tenho trabalhado junto ao departamento de missões em minha comunidade de fé, a Igreja Batista em Quitaúna, e com essa pesquisa procuro uma melhor compreensão bíblica e teológica a fim de poder contribuir para a sinalização do Reino de Deus a partir de nossa realidade local.

Quanto a base teórica utilizada na pesquisa, foram consultados variados autores que contribuíram ou contribuem na construção dos pensamentos sobre missiologia, pesquisando os textos, artigos científicos, teses, livros e artigos eletrônicos. Este trabalho tem em sua composição três capítulos.

Assim, no capítulo 2 deste trabalho iremos explorar o conceito de *Missio Dei* e suas implicações para a Igreja e para a teologia, a partir dos textos de David J. Bosch, Michael W. Goheen e Christopher J. H. Wright em busca de um conceito holístico, destacando a importância de uma teologia missional e inculturada, suas implicações para a compreensão da missão que, deve ser entendida em sua universalidade de atuações sem perder de vista a quem ela pertence e quem realiza o chamado para que tenhamos o privilégio dela participar.

No capítulo 3, vamos destacar a importância da Missiologia estar contextualizada em uma breve análise de parte do Compromisso da Cidade do Cabo e do Pacto de Lausanne, além de textos produzidos por teólogos brasileiros que defendem a importância de uma missiologia que leve o povo de Deus a se envolver com a *Missio Dei* cumprindo seu papel de ser sal e luz a partir do abandono do Pecado, ou seja, o abandono do egocentrismo que exclui

o relacionamento com Deus, com sua criação e o próximo, priorizando apenas o indivíduo e seus próprios interesses. Além disso, o chamado para cuidar de toda a criação e estabelecer resistência a toda a forma de injustiça e dominação que dissemina opressão, limita a liberdade, promovendo destruição e morte.

Através de um breve estudo da Antropologia de Darcy Ribeiro, vamos demonstrar como se estabelece a história do povo brasileiro que é marcada pelo colonialismo e se estabelece em meio a violentas separações e desprezo de seus povos originários por vezes apoiados pelas “missões cristãs”, que ao invés de anunciarem e sinalizarem o Reino de Deus, se ofereceram como instrumentos de manipulação e doutrinação.

Neste sentido, no capítulo 3, a partir de uma análise dos estudos de Boaventura de Souza Santos sobre as Epistemologias do Sul, que propõem a inclusão de contribuições de paradigmas epistemológicos para o saber e fazer ciências, que estejam para além do eurocentrismo, ou seja, a ideia de que a Europa e seus elementos culturais e religiosos devem ser referência para toda a sociedade moderna. Assim, vamos propor a busca por Missiologia do Sul, que é uma compreensão da *Missio Dei* a partir de cosmovisões que extrapolem os limites europeus e auxiliem efetivamente na sinalização do Reino de Deus a partir de uma tradução cultural e da ecologia dos saberes.

Neste trabalho vamos buscar alcançar os objetivos propostos com base em uma pesquisa bibliográfica, além de pesquisas em sites, periódicos científicos, e todo subsídio possível a fim de apresentar os aspectos teóricos e metodológicos, que fundamentem as hipóteses apresentadas.

Não pretendemos como resultado, esgotar o diálogo nem tampouco apontar modelos prontos e imutáveis com relação à temática, mas sim, ampliarmos a discussão e avanços sobre uma missiologia contextualizada que tenha relevância e aplicabilidade.

## 2. COMPREENDENDO MISSÃO: UNIVERSALIDADE, PROPÓSITO E TEOLOGIA

É importante a busca por uma compreensão sobre o que é Missão, para isso, neste capítulo faremos uma análise quanto as incumbências que o povo de Deus recebeu em seu chamado e envio e qual a relação dessas tarefas com a Missão, bem como, discorreremos sobre a quem a Missão pertence e para qual propósito essa se apresenta.

Além disso, faremos uma abordagem quanto a relação da Missão com a Teologia e a importância daquela estar arraigada nessa permeando todas as suas disciplinas, como discorreremos em diante.

### 2.1. UNIVERSALIDADE DA MISSÃO

O conceito de Missão e suas implicações para a Igreja de Cristo tem sido reduzido ou fragmentado, sendo entendido por alguns grupos como uma obra transcultural de missionários enviados pelas igrejas para evangelização de outros povos. Para outros, compreende-se como proclamação do Evangelho pela pregação. Ainda há aqueles que percebem a Missão como a atuação efetiva em prover às necessidades humanas e assim desassocia proclamação e suprimento de necessidades básicas, conforme foi observado na 5ª Sessão do Pacto de Lausane: “Aqui também nos arrependemos de nossa negligência e de termos algumas vezes considerado a evangelização e a atividade social mutuamente exclusivas” (PACTO DE LAUSANE, SEÇÃO 5).

Todas estas percepções, apesar de serem corretas, isoladamente não dão conta de explicitar o que de fato é a Missão, e a dissociação equivocada

de partes sendo entendidas como o todo atrofiam, isto quando não dividem o que deveria ser um corpo, um povo chamado e enviado para a Missão que é de Deus.

Wright propõe pensar em Missão, a partir do envio de pessoas chamadas a realizar tarefas específicas dadas por Deus, que encontramos através da história bíblica, mas destaca que para além desse senso de enviar e ser enviado, considerando a amplitude e múltipla variedade dessas tarefas, é necessário pensar no propósito para o qual se destinavam essas missões. Vejamos:

A linguagem do "enviar" é usada em todas as histórias a seguir. José foi enviado (no início, de modo; involuntário) para estar numa posição de salvar vidas durante uma grande fome (Gn 45.7); Moisés foi enviado (involuntariamente) para libertar o povo da opressão e exploração (Êx 3.10); Elias foi enviado para influenciar o curso da política internacional (IRs 19.15-18); Jeremias foi enviado para proclamar a Palavra de Deus (por exemplo, Jr 1.7). (WRIGHT, 2012, p.29)

Destarte, mesmo considerando que o enviar e ser enviado esteja no âmago de uma correta conceituação sobre o que é Missão, precisamos refletir sobre esta variedade de atividades sancionadas pelas Escrituras que passam por "*alívio da fome, ações de justiça, pregação, evangelismo, ensino, cura e administração*" (WRIGHT, 2012, p.30), para que não venhamos a ceder a tendência de pensar Missiologia apenas como atividade evangelística proclamatória de pessoas enviadas ou recebidas por uma comunidade local.

Há nos textos do Antigo Testamento largamente comprovado o movimento missional com Deus chamando e enviando pessoas para inúmeras tarefas que podem e devem ser compreendidas como partes da Missão.

De um modo geral, havendo analisado textos do Antigo Testamento que se referem ao envio que Deus faz, parece-me que dois objetivos principais se destacam. Quando Deus envia pessoas, na maioria das vezes, ou é para elas agirem como representantes de sua libertação e salvação ou é para elas declararem uma mensagem que alguém

precisa ouvir (quer queiram eles ouvir quer não). Às vezes, Deus envia alguém como Moisés para fazer as duas coisas. (WRIGHT, 2012, p.242)

Esses objetivos, ação e proclamação também estão presentes na narrativa Neotestamentária como Wrigth observa:

Jesus reivindicou para si as palavras de Isaías, que foi enviado para evangelizar os pobres: “[...] enviou-me para proclamar libertação aos presos e restauração da vista aos cegos, para por em liberdade os oprimidos (Lc 4.16-19; cf. Is 61.1).

Os discípulos foram enviados para pregar e demonstrar o poder libertador e curador do reino de Deus (Mt 10.5-8). Na função de apóstolos, eles foram enviados para fazer discípulos, batizar e ensinar (Mt 28.18-20). Jesus enviou-os ao mundo da mesma forma que o Pai o enviara, o que levanta muitas perguntas e desafios interessantes (Jo 17.18; 20.21). Paulo e Barnabé foram enviados para aliviar a fome dos irmãos que habitavam na Judeia (At 11.27-30); mais tarde, foram enviados para evangelizar e plantar igrejas (At 13.1-3); Tito foi enviado para garantir uma administração financeira de confiança e transparência (2Co 8.16-24); tempos depois, ele foi enviado como alguém qualificado para a administração de uma igreja (Tt 1.5); Apolo foi enviado como um habilidoso professor de Bíblia para alimentar a igreja (At 18.27, 28). Muitos irmãos e irmãs, cujos nomes não foram mencionados, foram enviados como professores itinerantes, por amor à verdade do evangelho (3Jo 5-8). (WRIGHT, 2012, p.30)

Podemos concluir que a Missão de Deus, que envolve o chamado a seu povo e lhe atribui tarefas, essas como missões específicas que atendem em parte a um todo, é percebida e deve ser compreendida através de um conjunto coeso em que seus elementos, sejam de proclamação ou de ação, se complementam e não são auto excludentes. Logo, podemos dizer que a Universalidade da Missão está relacionada, nesse aspecto, a uma pluralidade de tarefas que corroboram para sinalização do Reino em todos os lugares.

## 2.2. SUJEITO E PROPÓSITO DA MISSÃO

Outro aspecto importante, para o qual Wright chama a atenção é quanto a uma compreensão adequada sobre a quem pertence a Missão, não sendo a igreja quem exerce senhorio sobre ela, posto que está para além dos limites da igreja neotestamentária, nem tão pouco a nação de Israel ao se considerar os textos veterotestamentários, assim:

Não é tanto a questão de Deus ter uma missão para sua igreja no mundo, mas sim o de ter uma igreja para sua missão no mundo. A missão não foi feita para a igreja, mas a igreja foi feita para a missão - a missão de Deus. (WRIGHT, 2012, p.30).

O entendimento que a Missão é da igreja além de equivocado também produz divisão e limitação, pois a Missão de Deus implica em “fazer convergir em Cristo todas as coisas” (Ef.1:10), o que nos leva a um outro aspecto importante para se pensar a *Missio Dei*, agora sob a perspectiva de seu propósito.

O próprio Deus tem uma missão. Deus tem um propósito e um alvo para toda a sua criação. Paulo chamou isso de "todo o propósito de Deus" (At 20.27; cf. Ef 1.9, 10). Como parte dessa missão divina, Deus chamou à existência um povo para participar com ele na realização dessa missão. Toda a nossa missão procede da prévia missão de Deus. E esta, como veremos, é bem ampla, na verdade. "A missão surge do coração do próprio Deus e é transmitida de seu coração para o nosso. A missão é o alcance global de um povo global que pertence ao Deus global" (WRIGHT, 2012, p.31)

Para Michael W.Goheen, “a Missão de Deus é a redenção de todo o mundo de Deus” (GOHEEN, 2019, p.21).

Essa redenção está para além da salvação de almas, ela é cósmica, vasta e abrangente, o propósito de Deus é restaurar todas as coisas, por isso a

narração bíblica começa no jardim da criação no capítulo primeiro de Genesis e finaliza com a nova criação em Apocalipse 21.

“... o propósito de Deus a longo prazo de restaurar pessoas de todas as nações e toda a criação. Assim, a Bíblia nos conta a história da longa jornada de Deus para libertar seu mundo do poder destrutivo do pecado”. (GOHEEN, 2019, p.34).

Dada a premissa que a Missão é de Deus, a qual em sua completude detém um propósito, as Escrituras também lançam luzes sobre esse desígnio divino de um Deus que em um ato de pura alteridade e amor se esvazia e cria em amor o universo e todos os seres que o habitam, elege um entre esses seres com quem estabelece um vínculo relacional que vai desde sua criação a partir da *Imago Dei* em que o constitui, passa por sua inclusão na perfeita e harmoniosa dança cósmica da Trindade e o estabelece enquanto cuidador e preservador da criação, mas não como quem está fora desta, mas com o mesmo princípio de alteridade que é esse movimento etéreo em direção ao outro.

Assim, a humanidade tem, como um primeiro chamado, cooperar com a manutenção do sistema relacional perfeito criado em amor onde vive harmoniosamente conectada à Deus, entre si e com todo o mundo criado.

Deus nos criou para reinarmos sobre o restante da criação, por meio do serviço e do cuidado para com ela, ou seja, trabalharmos duro, de modo que cuidássemos da criação e protegêssemos seus melhores interesses. Governar e servir a criação é a primeira missão da humanidade sobre a terra e Deus jamais revogou este mandato. (WRIGHT, 2012, p.65)

Com a queda (Gen. 3), a humanidade submete a si e a toda a criação a um movimento de rupturas, como chama a atenção o professor Luiz Sayão (SAYÃO, 2015):

- Ruptura com Deus - Teológica



- Ruptura com o próximo – Sociológica
- Ruptura consigo mesmo – Psicológica
- Ruptura com a Criação – Ecológica

Mas, o Criador prossegue em sua Missão e continua em um movimento de alteridade, estabelece sua aliança com Abraão e a ele anuncia a abrangência desta aliança que por intermédio de uma nação alcançará todas as outras: "...Farei de você um grande povo, e o abençoarei... e por meio de você todos os povos da terra serão abençoados" (Gn. 12:1-3), ou como propõe Wright:

O esqueleto da mensagem de Gênesis 12:1-3 é o seguinte:

"Vá...

E seja uma bênção...

E todas as nações serão abençoadas através de você"

Não é essa uma "grande comissão"? Esse não é, de fato o alicerce sobre o qual se fundamenta todo o tema da missão de Deus, inclusive o que geralmente chamamos de "A Grande Comissão" em Mateus 28? Se assim o for, isso terá graves consequências para nossa compreensão acerca da igreja e da missão.

Deus, quando começou seu grande projeto de redenção do mundo no encaixe de Genesis 12, escolheu fazê-lo não transportando indivíduos rapidamente para o Céu, mas chamando a existência uma comunidade de bênção. Começando com um homem e sua mulher estéril, transformando-os milagrosamente numa grande família ao longo de várias gerações, depois, numa nação chamada Israel e, a seguir, por meio de Cristo, numa comunidade multinacional de crentes de todas as nações – através de toda a história, Deus tem moldado um povo para si mesmo. Mas também um povo para os outros. "Em ti... todas as nações". (WRIGHT, 2012, p.88)

Essa bênção é em essência relacional, a reconciliação com Deus, com o próximo, consigo mesmo e com toda a criação. O retorno ao estado de origem, a perfeição do Reino de Deus.

Assim, temos que a Missão é de Deus, a qual em sua completude detém um propósito, que é a completa regeneração não apenas da humanidade, mas de toda a criação e em essência é relacional.

Portanto é necessária uma compreensão bíblica sobre a Missão de Deus que passa pela proclamação e pela ação social<sup>1</sup>, mas não se restringe a elas, pois “todas as coisas” também inclui toda a criação que geme aguardando a redenção.

### 2.3. TEOLOGIA DA MISSÃO OU TEOLOGIA MISSIONAL?

Segundo Goheen, para compreendermos Missão, podemos partir essencialmente de duas perspectivas teológicas: a missão de Deus e a natureza missional da Igreja (GOHEEN, 2019, p.62).

Ao longo do Século 20, foi surgindo uma nova compreensão de que a Missão está para além de uma tarefa que a Igreja realiza, Missão define a identidade da Igreja. É algo central para natureza e existência da Igreja. Assim, a Missão não deve ser entendida na Teologia como uma submatéria na área de Eclesiologia, mas deve também permear todas as disciplinas teológicas dentro de uma perspectiva dimensional, como destaca Bosch:

Dentro do amplo contexto da teologia, a missiologia exerce uma dupla função. A primeira está vinculada ao que Newbiggin e Gensichen denominaram de “aspecto dimensional” (cf. Gensichen 1971:80-95, 251s). Aqui a tarefa da missiologia, em livre parceria com outras disciplinas, é focar a relação da teologia com o mundo. Teoricamente, pois – e desde a perspectiva dimensional - poder-se-ia dispensar uma disciplina independentemente chamada missiologia. Ela deve permear todas as disciplinas e não constitui, primordialmente, um “setor” da enciclopédia teológica (BOSCH, 2014, p.590)

---

<sup>1</sup> Ação Social para além do sentido sociológico, aqui é entendida como o efetivo atendimento e suprimento das necessidades humanas que implicam em sua dignidade

Assim, o que é proposto por Goheen é que nossa compreensão do evangelho, da cristologia, da soteriologia, da pneumatologia, eclesiologia, hamartiologia, antropologia, além de nossa compreensão da natureza, de hermenêutica e outras matérias, deve se relacionar com a missiologia influenciando e sendo influenciadas por ela. É, em outras palavras “passar de uma teologia da missão para uma teologia missional” (GOHEEN, 2019, p.72).

Neste sentido, a teologia e a missão da igreja tornam-se inseparáveis, pois o caráter missionário é essencial tanto para a igreja quanto para a teologia. O que não significa a extinção da missiologia, enquanto disciplina, sendo esta incorporada a outras matérias existentes, mas chama a atenção para que esta não se isole em total independência. Para Bosch, nosso teologizar deve estar profundamente afetado pela compreensão da *Missio Dei*<sup>2</sup> e o caráter missiológico da Igreja:

Isso acarreta consequências profundas em nosso teologizar. Assim, como a Igreja deixa de ser Igreja se não for missionária, a teologia cessa de sê-lo se perder seu caráter missionário...

Necessitamos de uma pauta missiológica para a teologia, não apenas de uma pauta teológica para a missão, porque a teologia, se entendida corretamente, não tem outra razão de existir senão a de acompanhar criticamente a *Missio Dei*. (BOSCH, 2014, p.589 e 590)

Importante destacar também, a existência da dimensão missionária na teologia prática obviamente, pois do contrário essa permaneceria se ocupando apenas com a autorrealização da igreja em vez de olhar para um ministério no mundo que extrapolasse os muros eclesiásticos.

---

<sup>2</sup> Como explica Bosch (2014, p.467), *Missio Dei* é a compreensão de que a missão deriva da própria natureza de Deus, sendo colocada no contexto da Doutrina da Trindade, assim Missão é um atributo de Deus, sendo essa doutrina como “Deus, o Pai enviando o Filho, e Deus, o Pai e o Filho, enviando o Espírito... Pai, Filho e Espírito Santo enviando a igreja para dentro do mundo”.

Também é importante salientar a missiologia numa perspectiva intencional da missão, ou seja, para além da crítica e estudo académico, ela deve se ocupar e interagir com a *práxis* missionária, como destaca Bosch:

Talvez a formulação de Van Engelen o sintetize de melhor forma. Ele afirma que o desafio da missiologia é “conectar o sempre-relevante evento-Jesus, de dois milênios passados, ao futuro do prometido reino de Deus para que se possam tomar iniciativas pertinentes no presente”. (BOSCH, 2014, p.594)

No entanto, Bosh também nos alerta quanto a fragilidade de que assim como outros temas teológicos, a missiologia é fragmentária e preliminar, em suas palavras é uma “missiologia em esboço” (BOSCH, 2014, p.595)

Concluimos assim esse primeiro capítulo com uma possível definição para Missão a partir do entendimento de que a missão é de Deus que tem a sua igreja, ou melhor, seu povo como parte do plano para executar essa missão realizando múltiplas tarefas, mas não somente isso, pois a igreja se confunde com a própria missão e cabe à Teologia muito mais do que o estudo em apartado da missiologia, mas ter a missiologia entranhada em suas diversas áreas de estudo, reflexão e crítica, influenciando e sendo influenciada para uma melhor compreensão e participação na *Missio Dei*.

Assim, a partir desse conceito, passaremos a discorrer sobre a importância da Missiologia estar contextualizada, seja no tempo, localidade e/ou cultura, de modo que possa apresentar respostas que não estejam a esses limitadas.

### 3. MISSÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO

A busca por um entendimento sobre a Missão, que seja bíblico e esteja para além das culturas sem excluir o diálogo e a crítica com as mesmas, identificando o agir de Deus e cooperando com Ele na proclamação e sinalização do seu Reino passa pela observação e compreensão do contexto em que este entendimento se aplica.

Assim, discutiremos sobre como a conjuntura social deve estar implicada na Missiologia, sendo que Deus se coloca ao alcance dos homens na obra encarnacional de Cristo a partir da realidade espaço-temporal e

“A encarnação torna óbvia a aproximação de Deus à revelação de si mesmo e de seus propósitos: Ele não proclama sua mensagem aos gritos desde os céus; ele se faz presente como homem em meio aos homens. O clímax da sua revelação é Emanuel. E Emanuel é Jesus, um judeu do século 1º! De maneira definitiva a encarnação mostra que a atenção de Deus é revelar-se a partir de dentro da situação humana”. (PADILLA, 2014, p.117)

#### 3.1. A TEOLOGIA E OS CONTEXTOS

A Missão de Deus consiste em sua atividade de amor para reconciliar o mundo alienado, assim o Pai envia seu Filho para reconciliar consigo a sua criação, enquanto que tendo o Filho cumprido sua missão, ambos, Pai e Filho enviam o Espírito para continuar a obra de renovação. Assim, o Deus Trino constitui uma comunidade de testemunhas ao reunir seu povo e constituir a Igreja como um canal por onde possa fluir o amor e cuidado de um Deus que

está em missão, sendo a igreja sinal e agente da restauração e redenção de toda criação.

Nesse sentido, os aspectos temporais, históricos, geográficos, culturais, sociais e econômicos de uma região não podem ser ignorados pela igreja, sob pena de que essa se torne irrelevante não participando efetivamente da missão para a qual foi chamada.

O Compromisso da Cidade do Cabo, documento decorrente do Congresso de Lausanne 2010, chama a nossa atenção para esse aspecto na seção 10.A:

A) Nossa participação na missão de Deus. Deus chama seu povo para partilhar sua missão.

A Igreja de todas as nações, através do Messias Jesus, está em continuidade com o povo de Deus no Antigo Testamento. Com eles, fomos chamados por meio de Abraão e comissionados para ser benção e luz para as nações. Com eles, somos moldados e ensinados através da lei e dos profetas para ser uma comunidade de santidade, compaixão e justiça em um mundo de pecado e sofrimento. Fomos redimidos através da cruz e da ressurreição de Jesus Cristo e capacitados pelo Espírito Santo para dar testemunho do que Deus fez em Cristo. A Igreja existe para adorar e glorificar a Deus por toda a eternidade e para participar da missão transformadora de Deus na história. Nossa missão origina-se totalmente na missão de Deus, tem como alvo toda a criação de Deus e seu fundamento central na vitória redentora da cruz. Este é o povo a quem pertencemos, cuja fé confessamos e cuja missão compartilhamos. (COMPROMISSO DA CIDADE DO CABO, SEÇÃO 10, "A")

E prossegue na seção 10.B, conforme destacamos abaixo, enfatizando o contexto da missão e sua amplitude que passa pela evangelização e serviço no mundo:

B) A integridade da nossa missão. A origem de toda nossa missão é o que Deus fez em Cristo pela redenção de todo o mundo, conforme revelado na Bíblia. **Nossa tarefa evangelística é fazer as boas novas conhecidas a todas as nações. O contexto de toda a nossa missão é o mundo no qual vivemos, o mundo de pecado, de sofrimento, de injustiça e de desordem da Criação, para onde Deus nos envia a fim de que amemos e sirvamos por amor a Cristo. Toda a nossa**

**missão deve, portanto, refletir a integração do evangelismo e do envolvimento comprometido com o mundo, sendo ambos ordenados e conduzidos por toda a revelação bíblica do evangelho de Deus.**

“Evangelismo propriamente dito é a proclamação do Cristo bíblico e histórico como Salvador e Senhor, com o intuito de persuadir outros a que venham a ele pessoalmente e, assim sejam reconciliados com Deus. Os resultados da evangelização incluem a obediência a Cristo, o ingresso em sua Igreja e o serviço responsável no mundo... Afirmamos que tanto a evangelização quanto o envolvimento sociopolítico fazem parte do nosso dever cristão. Pois ambos são expressões necessárias das nossas doutrinas acerca de Deus e do homem, do nosso amor por nosso próximo e da nossa obediência a Jesus Cristo... A salvação que alegamos possuir deve estar nos transformando na totalidade de nossas responsabilidades pessoais e sociais. A fé sem obras é morta”. (COMPROMISSO DA CIDADE DO CABO, SEÇÃO 10, “B”)

Com a compreensão da missão de forma holística, a igreja é convocada a assumir alguns importantes compromissos fazendo conhecida a revelação de Deus a todas as nações e conclamando todos ao arrependimento, fé e discipulado:

“A missão integral é a proclamação e a demonstração do evangelho. Não significa simplesmente que a evangelização e o compromisso social devam ser realizados de forma concomitante. Mas sim, que na missão integral nossa proclamação tem consequências sociais quando convocamos as pessoas ao amor e ao arrependimento em todas as áreas da vida. E nosso compromisso social tem consequências para a evangelização na medida que testemunhamos da graça transformadora de Jesus Cristo. Se ignoramos o mundo, traímos a Palavra de Deus, que nos envia para que sirvamos ao mundo. Se ignoramos a Palavra de Deus, não temos nada a oferecer ao mundo”. (COMPROMISSO DA CIDADE DO CABO, SEÇÃO 10, “B”)

Para prática efetiva de tal compromisso, é importante respeitar as diferenças sociais, culturais e temporais dos mais diversos locais onde a Igreja está inserida. Orlando E. Costas adverte:

Em primeiro lugar, evangelização é um testemunho que acontece em contexto histórico e social determinado. É parte de um espaço vivo com suas características culturais, geográficas, econômicas, sociais e

políticas, e acontece em um momento temporal, seja este uma geração ou uma época.

...

A evangelização, portanto, envolve seres humanos situados social e historicamente. Não tem nada a ver com pessoas abstratas, com mulheres e homens que existem apenas em esquemas teóricos. Frases do tipo “homens e mulheres contemporâneos” universalizam um tipo particular de pessoa que apenas uns poucos podem se identificar naquela descrição. A humanidade não existe no abstrato. Logo, não existe algo como o homem ou a mulher contemporâneos. O que há são homens e mulheres em situações contemporâneas concretas. (COSTAS, 2014, p.55)

Paulo Cappelletti aponta como que o contexto histórico e social pode influenciar a Teologia e permitir novas abordagens que atendam a um determinado contexto:

Diante disso, pode-se dizer que todas as teologias nasceram em locais específicos, em determinados contextos históricos e sob alguma influência social, religiosa, cultural, política e/ou econômica, ou seja, descobre-se que a realidade latino-americana não é um empecilho para as teologias, mas sim um ponto de partida, um terreno fértil para a elaboração de novos pensamentos, inclusive os teológicos. O momento de opressão, miséria, pobreza e injustiça no continente fez com que teólogos percebessem que as teologias europeia e estadunidense não respondiam as aflições do povo sofrido da América Latina, e por esta causa se faz necessário demonstrar o itinerário histórico da pobreza nesse continente, para melhor entendimento sobre o berço das teologias focadas nesta tese. (CAPPELLETTI, 2019, p.29)

Cappelletti demonstra ainda como na América Latina nasceram teologias que tentam dar resposta a pobreza extrema e sofrimentos impostos por uma dominação externa que sempre esteve presente desde a colonização europeia e que se estendeu para uma neocolonização estadunidense que influenciou entre as décadas de 1950 a 1980 várias ditaduras que buscavam a manutenção do poder e exploração pelos países de 1º mundo em detrimento do desenvolvimento humano e social dos chamados países subdesenvolvidos, gerando cada vez mais pobreza e dependência.



“Com as novas interpretações sociológicas, filosóficas e teológicas do subdesenvolvimento e dependência latino-americanas, cresceu a consciência de que os modelos – subdesenvolvimento e dependência – somente poderiam ser superados com uma revolução social, política, econômica e cultural capaz de romper com o sistema capitalista dependente, que enriquecia os países centrais à custa do empobrecimento, dependência, subjugação e miserabilização dos países periféricos. Assim, tanto os católicos quanto os evangélicos iniciaram uma trajetória para teologizar a partir da luta contra a injustiça e pobreza.” (CAPPELLETTI, 2019, p.67)

Nesse contexto, teólogos Sul americanos contribuíram com a expansão do conceito de missões durante o Congresso Internacional de Evangelização Mundial que aconteceu em Lausanne na Suíça em 1974, tendo entre seus oradores René Padilla e Samuel Escobar, que trouxeram à tona a necessidade de uma missiologia que esteja para além da proclamação, sem dessa se afastar o que refletiu na 5ª sessão do Pacto de Lausanne:

#### 5. A responsabilidade social cristã

Afirmamos que Deus é o Criador e o Juiz de todos os homens. Portanto, devemos partilhar o seu interesse pela justiça e pela conciliação em toda a sociedade humana, e pela libertação dos homens de todo tipo de opressão. Porque a humanidade foi feita à imagem de Deus, toda pessoa, sem distinção de raça, religião, cor, cultura, classe social, sexo ou idade possui uma dignidade intrínseca em razão da qual deve ser respeitada e servida, e não explorada. Aqui também nos arrependemos de nossa negligência e de termos algumas vezes considerado a evangelização e a atividade social mutuamente exclusivas. Embora a reconciliação com o homem não seja reconciliação com Deus, nem a ação social evangelização, nem a libertação política salvação, afirmamos que a evangelização e o envolvimento sócio-político são ambos parte do nosso dever cristão. Pois ambos são necessárias expressões de nossas doutrinas acerca de Deus e do homem, de nosso amor por nosso próximo e de nossa obediência a Jesus Cristo. (PACTO DE LAUSANE, SEÇÃO 5)

Além disso, na parte final da 6ª sessão:

A igreja é antes a comunidade do povo de Deus do que uma instituição, e não pode ser identificada com qualquer cultura em particular, nem com qualquer sistema social ou político, nem com ideologias humanas. (PACTO DE LAUSANNE, SEÇÃO 6)

### 3.2. O BRASIL E SEU CONTEXTO

Darcy Ribeiro, antropólogo brasileiro, oferece uma compreensão a respeito da formação do povo brasileiro, dentro de uma perspectiva de evolução a qual ele chama de atualização histórica, onde a cultura europeia dominante prevalece sobre a cultura nativa e também dos escravos trazidos da África, mas não se sustenta isolada na determinação e construção de um novo povo, esse por sua vez, desprezado e rejeitado pelos povos originários.

Na primeira etapa desse processo, prevaleceram a dizimação proposital de parcelas da população agredida e a deculturação dos contingentes avassalados. Na segunda etapa, tem lugar certa criatividade cultural que permite plasmar, com elementos tomados da cultura dominadora e da subjugada, um corpo de compreensões comuns, indispensável para possibilitar o convívio e orientar o trabalho. Tal se dá através da criação de protocélulas étnicas que combinam fragmentos dos dois patrimônios dentro do enquadramento de dominação. Numa terceira etapa, estas células passam a atuar aculturativamente sobre o seu contexto humano de pessoas desgarradas de suas sociedades originais, atingindo tanto os indivíduos da população nativa, quanto os contingentes transladados como escravos e, ainda, aos próprios agentes de dominação e aos descendentes de todos eles (RIBEIRO, 1983, p.36).

Tratando-se mais especificamente do povo brasileiro, Darcy Ribeiro destaca:

No Brasil, de índios e negros, a obra colonial de Portugal foi também radical. Seu produto verdadeiro não foram os ouros afanosamente buscados e achados, nem as mercadorias produzidas e exportadas. Nem mesmo o que tantas riquezas permitiram erguer no Velho Mundo. Seu produto real foi um povo-nação, aqui plasmado principalmente pela mestiçagem, que se multiplica prodigiosamente como uma morena humanidade em flor, à espera do seu destino. Claro destino,

singelo, de simplesmente ser, entre os povos, e de existir para si mesmos. (RIBEIRO, 1995, p.68)

Nesse processo de formação, pela miscigenação o povo brasileiro surge em meio a violência que dá início e acompanha todo o processo de surgimento desse povo novo.

A escravidão é a violência ontológica do Brasil e, a partir dela ocorrem três fenômenos: a desindianização dos indígenas, a desafricanização dos negros e a deseuropeização dos portugueses, ou seja, esse povo novo surge de um processo de exclusão, rejeição e negação por todas as matrizes originárias, o que Darcy Ribeiro vai chamar de “ninguendade”, que caracteriza esta nova identidade que despreza sua origem americana e africana e é desprezada por sua origem europeia.

Nesse interim, assim como nos outros países da América Latina, os colonizadores europeus, mais especificamente, os portugueses, desmereciam completamente a cultura, religião e até mesmo a humanidade dos povos que aqui habitavam e os que para cá foram trazidos como escravos.

O evangelho anunciado pelas missões cristãs, primeiramente católicas e posteriormente protestantes, de modo semelhante, desconsiderava completamente a história, a cultura e até mesmo a religião dos povos autóctones, pois poucos missionários sabiam separar seu nacionalismo, cultura e civilização da mensagem do Reino, como observa a Doutora e Missionária Analzira Nascimento:

Poucos compreenderam a diferença entre ser cristão e ser europeu, igreja e civilização ibérica – o que posteriormente passou a dificultar a compreensão da missão da igreja. (NASCIMENTO, 2015, p.37)

Assim, a “evangelização” tornou-se instrumento de opressão e escravização dos nativos, sua concepção se limitava a doutrinação, onde a

cultura do missionário se impunha sobre os povos alcançados apenas transferindo conteúdo.

A partir dessa lógica colonialista a “missão” se resumiu a três componentes:

- a) Alguém que envia (é superior e tem autoridade para isto)
- b) Alguém que é enviado em missão (investido de autoridade para realizar algo pelos destinatários ou mesmo pelos próprios enviados)
- c) Um terceiro que é o objeto da missão

(NASCIMENTO, 2015, p.35)

Essa objetificação do outro é a grande marca do colonialismo, do neocolonialismo e do imperialismo, que levam à negação da diversidade e a uma lógica utilitarista na relação entre a igreja e os que são alvos da evangelização, num movimento verticalizado.

Assim, para o povo brasileiro que nasce e se desenvolve em violência e desprezo, a compreensão de que também é alvo do amor de Deus, o qual está em missão de reconciliar consigo todas as coisas, deve ser claramente transmitida pela igreja que aqui se estabelece, seja por proclamação, seja por ação, a fim de que o Reino de Deus seja devidamente sinalizado.

A Dra. Analzira Nascimento destaca a importância da missiologia aprender com a história, ainda que por vezes, isso signifique aceitar as mudanças paradigmáticas que tensionam o *status quo* estabelecido:

Para a missiologia, ficam uma reflexão e um alerta para aprender com a história, não só valorizando boas experiências, como também tendo a humildade de reconhecer no presente que o surgimento dos emergentes muitas vezes está atrelado à falta de respostas e a falta de confiança no estabelecido. Comparando o modelo missionário vigente com as novas possibilidades que estão despontando, percebemos que é possível pensar a partir do Hemisfério Sul, aceitando o desafio de trabalhar de uma forma contra-hegemônica, que consiga superar a matriz dominante. (NASCIMENTO, 2015, p.24)

#### 4. EM BUSCA DE UMA MISSIOLOGIA DO SUL: POR UMA TEOLOGIA INCULTURADA

Uma evangelização que combata ou ignore a cultura, é equivocada, pois essa é inerente ao ser humano e caracteriza toda a sua existência. Assim, a cultura em seus aspectos temporais e locais não está fora dos planos redentores do Deus que está em missão.

A partir desse entendimento, podemos lançar um outro olhar sobre as mais variadas cosmovisões, não apenas as rejeitando, combatendo ou ignorando, mas, a exemplo do que fez o Cristo, a “encarnação” deve estar também presente na missiologia para transpor os muros que separam as culturas nas mais diversas épocas e localidades e anunciar o Reino de Deus.

A inculturação significa que o Evangelho e a fé existem dentro de uma cultura, e essa não se limita geograficamente e historicamente ao Israel dos tempos bíblicos, mas se expande por todo o mundo, sendo também em suas peculiaridades locais e temporais, fruto da obra criadora do Eterno que busca redimi-la e não homogeneizá-la.

Carriker, ao tratar sobre evangelho e cultura faz a seguinte declaração:

Deus mesmo nos deu a resposta e nos deixou o modelo: a encarnação. Deus se fez carne e osso em Jesus. Por meio deste camponês da Palestina que falava a linguagem popular do “povão”, mas que falou e agiu com autoridade, Deus nos deixou valiosa lição. Ele deseja nos alcançar dentro das nossas culturas, de modo que podemos compreender. E assim seus emissários também anunciam e demonstram as boas-novas, no máximo possível, dentro dos diversos meios de comunicação que existem nas milhares de culturas do mundo inteiro. (CARRIKER, 2022, p.13)

Isso não significa aprovação e convivência, mas redenção e salvação a partir do contexto cultural e paradigmático, discernindo e denunciando o mal ontológico como quem está ao lado e não acima.

Não significa que o evangelho simplesmente aprova todos os nossos costumes de maneiras de viver. Longe disto! O evangelho desafia a todos e transforma a todos. Mas Deus, a princípio, vem “ao nosso lado”, onde vivemos e onde aprendemos a conviver com os outros. Não exige que nos convertamos a uma suposta cultura divina. Mas uma vez chamados somos chamados a outra tarefa, a de transformar as nossas maneiras de viver, a nossa cultura, para a honra e glória dele. (CARRIKER, 2022, p.13)

Nessa esteira, o povo de Deus que está engajado na missão dele, não deve confundir a mensagem do evangelho com a cultura onde a Revelação se manifesta, pois, a Revelação transcende às culturas.

Além disso, os paradigmas que se verificam nas mais diversas formas de sociedade, que determinam as formas de pensar e fazer, também são distintos e passíveis de novas abordagens e até mesmo críticas, posto que não são dotados de eternidade. Assim, frente as crises que se estabelecem nas mudanças sociopolíticas e culturais, além dos intercâmbios de cosmovisões que passam a conviver simultaneamente, os modelos sofrem tensões que geram mudanças e gênese epistemológica.

Essas crises paradigmáticas são abordadas pelo sociólogo Boaventura de Souza Santos que desenvolve a ideia de epistemologias do Sul (MENEZES e SANTOS, 2014), propondo uma concepção de novas maneiras de produção de conhecimento que não excluam os modelos estabelecidos fora das fronteiras eurocêntricas, o que trataremos adiante.

Assim, a missiologia deve se incumbir de fazer uma leitura correta de seu tempo e usufruir de todas as ferramentas disponíveis para contribuir com a sinalização do Reino, inclusive dialogando com conhecimentos produzidos fora dos limites eclesiológicos, como a sociologia por exemplo.

#### 4.1. MISSÃO E CULTURA

A Teologia e suas doutrinas também podem se beneficiar de estudos e reflexões provindos de outras áreas de pesquisa que corroborem com suas proposições, seja por concordância ou por críticas.

Nesse sentido, podemos pensar em uma Missiologia do Sul, a partir das formulações de Boaventura quanto a necessidade da inclusão de paradigmas epistemológicos que estejam para além das fronteiras do Norte global e que, através de procedimentos de intercâmbio intercultural contribuam com o rompimento da lógica colonialista e imperialista que insistem em manter uma linha abissal entre o “novo” e o “velho mundo”.

Essa linha abissal, além da separação que promove entre colonizadores e colonizados, pode dificultar a ação missionária da igreja, quando essa também se estabelece em uma relação vertical com aqueles para quem deveria sinalizar o Reino de Deus, confundindo a mensagem do evangelho com aculturação e doutrinação.

O problema é que com os intercâmbios culturais decorrentes das colonizações, as missões que acompanharam esse processo, com origem no ocidente, também cooperaram com o estabelecimento da linha abissal e nela se refugiaram, desconsiderando e demonizando a cultura receptora, sua cosmovisão e relação com a natureza dos povos colonizados. As diferenças foram interpretadas como inferioridade.

Esse modelo de evangelização não deve apenas ser criticado, posto sua importância e contribuição para que a Missão prosseguisse e chegasse até nós. Mas, é importante observar, como destaca a Dra. Analzira Nascimento, que a sociedade mudou e precisamos de uma prática missionária que responda às perguntas de nosso tempo:

“Esses fenômenos que vêm alterando os nossos quadros de referência e conduzindo-nos a novas maneiras de compreender a realidade têm desdobramentos nos mais variados segmentos da sociedade, atingindo de modo certo o mundo cristão e, em especial, o modelo missionário.

Nossa sociedade mudou consideravelmente, e a igreja continuou com o mesmo discurso dirigido a uma população de décadas passadas”.

...

“A atividade missionária da igreja, que possibilita o diálogo com o mundo fora da realidade eclesial, também ficou em um descompasso sem precedentes”. (NASCIMENTO, 2015, pág.16)

Mesmo que em nosso tempo, vários países alcançaram independência política, deixando de ser colônias, prevalece um domínio econômico do Norte que continua em um movimento de imposição epistemológica, mantendo para o outro lado da linha abissal todas as formas de produzir conhecimento dos países que possuem dependência econômica e tecnológica.

Esse fenômeno se reproduz na missiologia, quando apenas o que tem origem nos limites da igreja é considerado válido, e aqui, muitos destes paradigmas também foram forjados no Norte, repelindo e demonizando as culturas que estão fora da linha abissal.



## 4.2. COMPREENDENDO AS EPISTEMOLOGIAS DO SUL

Para que o conhecimento científico seja capacitante e estruturado, de modo a fornecer credibilidade e importância ao assimilar as experiências que ocorrem em regiões diversas do mundo, formadas a partir de outras cosmovisões e universos simbólicos, é necessário a admissão de outras formas de conhecimento, forjadas fora dos paradigmas já estabelecidos pelo conhecimento eurocêntrico, posto que esse se estrutura para rejeitar tudo o que não se enquadra em suas próprias categorias de saber, o que Boaventura vai chamar de linha abissal, onde apenas o que se produz no Norte, a título de conhecimento, tem validade e o que está fora dessa linha é rejeitado, ou mesmo desprezado como se não existisse.

“A sociologia das ausências é a cartografia da linha abissal. Identifica as maneiras e os meios pelos quais a linha abissal produz a não existência, a invisibilidade radical e a irrelevância. O colonialismo histórico foi o tabuleiro de desenho da linha abissal, onde as exclusões não abissais (aquelas que ocorriam do lado metropolitano da linha) eram visibilizadas enquanto as abissais (aquelas que ocorriam do lado colonial da linha) eram ocultadas.” (MENESES, et al, 2018, p.320)

Assim, as epistemologias do Sul se apresentam como alternativas paradigmáticas que levam em consideração as percepções e postulações que se constroem no Sul (entendido como aqueles países periféricos que não estão entre os economicamente dominantes, ou seja, Europa e Estados Unidos da América) e resistem aos paradigmas epistêmicos impostos a partir de uma epistemologia eurocêntrica, ou seja, são os postulados que se estabelecem e influenciam as culturas e cosmovisões que estão ao outro lado da linha abissal.

As Epistemologias do Sul propõem relações pautadas pela ecologia dos saberes:

“O objetivo da ecologia dos saberes é criar um novo tipo de relação, uma relação pragmática, entre o conhecimento científico e outros tipos de conhecimento. Consiste em assegurar a “igualdade de oportunidades” aos distintos tipos de conhecimento que intervêm nas cada vez mais amplas epistemologias, com a ideia de maximizar suas respectivas contribuições com a construção de “outro mundo possível”, ou seja, uma sociedade mais justa e democrática, e também uma sociedade mais equilibrada em suas relações com a natureza”.(MENESES et al, 2018, p.226)

A necessidade de uma transformação paradigmática, passa pela necessidade de uma tradução intercultural, que está para além de tradução idiomática e alcança as visões de mundo que são compartilhadas em ambos os lados da linha abissal estabelecendo novos paradigmas, pós-abissais, que possam promover justiça cognitiva que resulte em justiça social.

“Tanto as ecologias de saberes como a tradução intercultural são procedimentos adaptados ao cumprimento da ideia central das epistemologias do Sul: não é possível uma justiça social global sem uma justiça cognitiva global.” (MENESES et al, 2018, p.289)

Nessa pesquisa, não temos o objetivo de esgotar este assunto, mas apenas trazê-lo a discussão como alerta e reflexão para uma teologia missional e inculturada que fale ao nosso tempo em qualquer localidade.

Pois, para cooperarmos com o Deus que está em Missão, precisamos de uma reflexão teológica que promova “justiça, paz e alegria no Espírito Santo” (Rm.14:17).

#### 4.3. EM BUSCA DE UMA MISSIOLOGIA DO SUL

Como vimos no capítulo 3 da presente pesquisa, o povo brasileiro é resultado de miscigenação que se constrói com violência e desprezo. Ainda hoje, parece prevalecer a “ninguendade”, especialmente para as classes mais pobres da sociedade, o que se intensifica nas minorias sociais.

Assim, com a compreensão de que a igreja é cooperadora na Missão de Deus que consiste em “convergir em Cristo todas as coisas” (Ef.1:10), deve-se levar em consideração na missiologia que, a propósito da universalidade da missão, que tratamos no capítulo 1, faz parte do escopo de nossas missões ser agente de transformação pelo poder e ação do Espírito Santo considerando os contextos a serem trabalhados.

C) Nós amamos todos aqueles que vivem em pobreza e sofrimento no mundo. A Bíblia nos diz que o Senhor tem amor para com todas as suas criaturas, defende a causa do oprimido, ama o estrangeiro, alimenta o faminto, sustenta o órfão e a viúva.[27] A Bíblia também mostra que Deus deseja fazer essas coisas através de seres humanos comprometidos com tal ação. Deus responsabiliza principalmente aqueles que são nomeados para liderança política ou jurídica na sociedade,[28] mas ao povo de Deus também foi ordenado – através da lei e dos profetas, dos Salmos e Provérbios, de Jesus e Paulo, Tiago e João – que refletisse o amor e a justiça de Deus em atos de amor e justiça para com o necessitado.[29] Tal amor pelo pobre exige não apenas nosso amor, nossa misericórdia e nossas obras de compaixão, mas também que façamos justiça, expondo e nos opondo a tudo o que oprime e explora o pobre. (COMPROMISSO DA CIDADE DO CABO, SEÇÃO 7, “C”)

Neste sentido, as epistemologias do Sul podem contribuir para que, diferente do passado recente, a missiologia se ocupe em cooperar e se beneficiar com a ecologia de saberes, onde novos paradigmas surgem em harmonia e respeito a cultura e cosmovisões diferentes, não em atitude de subserviência e acomodação nem tão pouco em vaidade e dominação, mas como agente de pacificação e promoção da justiça, ainda que isso implique em denunciar e criticar os paradigmas estabelecidos que insistem em manter a linha abissal e as injustiças cognitivas.

Fato é, como nos adverte a Dra. Analzira Nascimento, que já estamos vivendo em uma crise paradigmática onde a igreja, em sua atividade missionária, corre o risco de se tornar irrelevante ao não oferecer respostas às questões que são feitas hoje. (NASCIMENTO, 2015, p.16).

A partir de uma teologia inculturada, ou seja, de construções teológicas que considerem seus contextos, respeitem alteridade e estejam sensíveis a novos paradigmas, a missiologia poderá oferecer respostas às perguntas que são feitas hoje com relevância e autoridade. Importante lembrar que existe ação de Deus em teologias produzidas na periferia global para além das fronteiras do Norte (Europa e Estados Unidos), e que a igreja precisa decidir falar contextualmente a nossa era e às eras vindouras cumprindo seu papel.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho pretendeu entender a missão da igreja a partir da *Missio Dei*, sendo essa devidamente extraída das páginas das Escrituras, para que o povo de Deus possa permanecer relevante e atuante, inclusive dentro da realidade brasileira, que deve ser devidamente interpretada e compreendida. Para isso, foi realizada uma análise tanto teológica, quanto em outras ciências como a sociologia e a antropologia.

Tendo Deus uma Missão e chamando seu povo para cooperar com Ele, a igreja deve-se manter alerta e jamais sucumbir à tentação de se colocar como senhora da Missão, entendendo que o sujeito da missão é o próprio Deus. Além disso, o povo de Deus deve atuar diligentemente nas mais diversas missões para as quais o Senhor a chama e envia (universalidade da missão).

Essas múltiplas tarefas que consistem na universalidade da missão, são exemplificadas nas Escrituras e passam por proclamação e promoção de justiça social, mas não se resumem a isso, pois temos também exemplos de administração financeira, curas, ensino e outras atividades para as quais Deus chamou e enviou alguns membros de seu povo, e, com as quais Deus manifestou sua justiça, amor e atuação poderosa no mundo.

É importante também fazer uma leitura contextualizada de seu tempo e lugar de atuação na missiologia, por isso, para nós cristãos brasileiros é considerável conhecer a história e formação de nossa sociedade e suas implicações quanto a identidade de nosso povo que se construiu a partir de violência e injustiças que se refletem ainda hoje e assim, cooperarmos com a ação redentora de Deus sendo agentes de transformação e justiça.

Uma teologia inculturada pode nos dar boas bases para a construção de uma missiologia do Sul, o que seria essencial para que a mensagem proclamada pelo povo de Deus, seja em discurso, seja em ação, tenha alcance e assimilação.

A teologia inculturada, consiste em um labor teológico que não despreze seu contexto e respeite o outro para quem se apresenta, ou com quem se relaciona, dialogando com os paradigmas que estão para além de suas fronteiras.

A Teologia deve dialogar com as outras ciências de modo a ser melhor instrumentalizada e não se isolar, pois isso acarretaria em irrelevância e distanciamento dos propósitos para os quais ela se propõe.

Ademais, para que a igreja não fique estagnada, os paradigmas sociais e teológicos estabelecidos a séculos que formaram a igreja europeia e posteriormente norte-americana e deram subsídios a missiologia para que a mensagem do evangelho alcançasse novos povos, devem romper a linha abissal e dialogar com as cosmovisões e culturas hoje conhecidas a fim de que surjam paradigmas que respondam as questões contemporâneas com relevância e produzam uma “missiologia do Sul” capaz de prosseguir em sinalizar o Reino de Deus sendo agente de justiça, alegria e paz, transmitindo um evangelho livre de imposições culturais que desumanizam os povos alcançados.

Essa pesquisa trouxe uma nova perspectiva para a compreensão da missão, sendo que essa é de Deus, que por sua vez tem um propósito e um alvo para toda a sua criação. Assim, Deus chama seu povo para cooperar em sua missão e o envia com as mais variadas tarefas para, como fim último, atingir seu propósito.

Para cumprir com suas tarefas, ou missões, o povo de Deus precisa sinalizar o Reino, o que passa por relacionamento e dialogo com aqueles que são alvos da missão. Isso implica em um relacionamento que não se estabeleça de forma vertical, mas horizontal, de se caminhar ao lado e proclamar o evangelho das boas novas de todas as formas, o que requer uma missiologia do Sul, que compreende discernir novos paradigmas que estão para além das fronteiras da igreja eurocêntrica e norte-americana e contribuem para que a mensagem anunciada, seja em palavras ou ações, esteja livre de imposições culturais e seja compreensível para aqueles que a recebem.

Obviamente, esta pesquisa é só uma introdução ainda parcial na imensidão dos desdobramentos que a missiologia do Sul pode formular em colaboração com o estudo teológico. Pois, para além de sua contribuição para uma atuação contextualizada da igreja brasileira, esse conceito pode ser desenvolvido e aplicado às mais diversas localidades, sendo relevante para a crítica e fundamentação da missão do povo de Deus em todo o mundo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSCH, David J. *Missão Transformadora: Mudanças de Paradigma na Teologia da Missão*. 4.ed. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

CAPPELLETTI, Paulo. *Encontro das Teologias Latino-Americanas: Teologia da Libertação e Teologia da Missão Integral*. Londrina: Descoberta, 2019.

CARRIKER, Timóteo. *O evangelho e a cultura: Leituras para a antropologia missionária*. Disponível em <https://ultimato.com.br/sites/timcarriker/files/2013/08/Evangelho-e-Cultura.pdf>. Acesso em 18 de maio de 2022

COSTAS, Orlando E. *Proclamar Libertação: Uma Teologia de evangelização Contextual*. São Paulo: Garimpo Editorial, 2014.

FERNANDES, Regina. *Introdução às Teologias Latino-Americanas*. 2.ed. Campinas: Saber Criativo, 2019

GOHENN, Michael W. *A Missão da Igreja Hoje: A Bíblia, a História e as Questões Contemporâneas*. Viçosa: Ultimato, 2019

LAUSANNE.ORG. *Compromisso da Cidade do Cabo*. Disponível em <https://lausanne.org/pt-br/recursos-multimedia-pt-br/ctc/compromisso>. Acesso em 10 de maio de 2022

\_\_\_\_\_. *Pacto de Lausanne*. Disponível em: < <https://lausanne.org/pt-br/recursos-multimedia-pt-br/covenant/pacto-de-lausanne> />. Acesso em 01 de set. 2021

MENESES, Maria Paula; SANTOS, Boaventura de Sousa; et al. *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2014.

MENESES, Maria Paula; et al. *Construindo as Epistemologias do Sul: Antologia Esencial*. Volume I: Para um pensamento alternativo de alternativas / Boaventura de Sousa Santos. Buenos Aires: CLACSO, 2018.



NASCIMENTO, Analzira. *Evangelização ou Colonização?* : O risco de fazer missão sem se importar com o outro. Viçosa: Ultimato, 2015.

PADILLA, R. C. *Missão Integral: O Reino De Deus e a Igreja*. Viçosa: Ultimato, 2014

PETERSON, Eugene H. *A Mensagem: Bíblia em linguagem contemporânea*. São Paulo: Vida, 2011

RIBEIRO, Darcy. *As Américas e a Civilização: Formação histórica e causas do desenvolvimento desigual dos povos americanos*. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1983.

\_\_\_\_\_. *O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. 2.ed São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SAYÃO, Luiz, IBNU. *Teologia da Missão*. Youtube, 15 de junho de 2015. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=\\_DBEBuCF0sY&t=459s](https://www.youtube.com/watch?v=_DBEBuCF0sY&t=459s)>. Acesso em: 14 de novembro de 2021.

SANTOS, Leontino Farias, *Missão e Missões no Contexto da Missio Dei*. Disponível em: < <https://www.fatipi.edu.br/post/miss%C3%A3o-e-miss%C3%B5es-no-contexto-da-missio-dei>>. Acesso em: 14 de novembro de 2021.

WHIGHT, Christopher J.H. *A Missão do Povo de Deus: Uma Teologia Bíblica da Missão da Igreja*. São Paulo: Vida Nova, 2012.